

ARTE COMO TRABALHO

Estratégias de sobrevivência dos trabalhadores da arte

CAROLINA RODRIGUES

JOÃO PAULO OVIDIO

LUANA AGUIAR

PRISCILA MEDEIROS

O PROJETO *Arte como trabalho: estratégias de sobrevivência dos trabalhadores da arte* foi um evento inteiramente on-line que promoveu o debate sobre a situação de precariedade e formas de resistência dos profissionais das artes visuais, como artistas, curadores, professores, mediadores culturais, funcionários de museus e centros culturais.

Com curadoria e realização de Carolina Rodrigues, João Paulo Ovídio, Luana Aguiar e Priscila Medeiros, o processo se desdobrou em três frentes complementares: uma exposição virtual com chamada pública, que premiou 20 propostas de artistas residentes no estado do Rio de Janeiro; ciclo de debates por meio de videoconferências abertas ao público com profissionais de diferentes atuações no campo das artes visuais; e um catálogo disponibilizado no formato e-book em plataforma virtual, também disponível gratuitamente. Este projeto foi contemplado pela Lei Aldir Blanc a partir do edital

Fomento a todas as artes da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, como uma ação emergencial devido ao estado de calamidade ocasionado pela pandemia de COVID-19.

O título corresponde a um eixo conceitual que, por si, já aponta pluralidades de questões, entrecruzadas por experiências individuais e coletivas, promovendo tanto a discussão sobre o lugar social da arte quanto da/ do própria/o artista. Através das obras apresentadas, é possível notar, ainda, críticas ao acúmulo de funções que resulta da precariedade e se converte em estratégia. Não por acaso, deparamos-nos com imagens de corpos exaustos em decorrência de esforços físicos e pressões cotidianas, uma denúncia das péssimas condições às quais estão/são submetidos, potencializadas por questões étnico-raciais, de classe e de território. Sob a perspectiva de gênero, acentua-se, em algumas produções, o debate referente ao trabalho doméstico e à maternidade, questionando a lógica patriarcal.

O estreitamento da arte com a vida permitiu uma maior abertura para criação de narrativas que partem de vivências e afetividades. O resgate da ancestralidade, o conhecimento popular, a reação do corpo na cidade, os trânsitos e deslocamentos, a construção de memórias, são detalhes que cotidianamente poderiam passar despercebidos. Essas e outras dimensões inerentes à/ao artista-trabalhador/a receberam olhares não só críticos, mas sensíveis, que proporcionaram construções poéticas fecundas.



FIGURA 1
Águi BERENICE
Solo Fértil, 2020,
Videoperformance,
2 min 45 seg



FIGURA 2
Thiago SARAIVA,
Arte Enxe Buxo, 2020-2021,
Fotografias digitais das ações.